

---

# João Pedro Mésseder

## responde-te



Em outubro de 2012 o salão salamaleque acolheu um livro muito fresco e verde, escrito por João Pedro Mésseder, *Guardador de Árvores*. Por essa altura o telemóvel do salão tocou várias vezes com mensagens e perguntas que os visitantes quiseram colocar ao autor. Seleccionámos algumas e aqui estão agora as respostas do escritor, que nos explica como é possível (e tão bom) viajar de livro!



### Porque é que escreveu o livro *Guardador de Árvores*; como colheu ideias para o escrever?

As ideias (ou serão antes as palavras? – que é aquilo de que são feitos os livros) acho que as colhi nas próprias árvores, olhando-as com atenção, escutando-as, cheirando-as, roçando os dedos pelos troncos, folhas, flores e frutos. Escutem as palavras que uma árvore nos dá a ouvir: o nome dela (oliveira, cipreste, nespereira, ácer, tamareira...), palavras simples mas cheias de música como tronco, ramo, folha, raiz... E outras ainda: ninho, pássaro, gato, vento, rumor... Escrevi este livro porque, a dada altura, concluí que já tinha escrito uma série de poemas sobre árvores, em diferentes momentos da vida. Era altura de prestar o meu tributo a esses seres que tanto amo, que tanto gosto de contemplar e de ouvir. Então compus mais alguns poemas para juntar aos que tinha escrito e assim nasceu o livro. Também o escrevi em homenagem a uma nespereira que durante muitos anos eu vi da janela do meu quarto, mesmo ali encostada, e que, de um momento para o outro, uns vizinhos cortaram, sem eu saber. Foi um choque, fiquei muito triste e indignado. Por isso dedico o livro à memória dessa nespereira.



### Sentiu algo de especial ou diferente ao escrever certos livros como o *Guardador de Árvores*?

Senti, sim, que estava a ligar-me à natureza de modo mais afetuoso. Como se tivesse descoberto que entre a natureza e os seres humanos existem laços que não podem ser quebrados, que, pelo contrário, é preciso manter. A vida não é possível sem árvores, elas constituem uma dádiva que é nossa obrigação amar e tratar bem. Para mim, ninguém pode sentir-se dono de uma árvore. Ela é pertença de todos. É nosso dever também plantar árvores, fazer com que se multipliquem por esse mundo.



### Sabe quantos livros já escreveu?

Não sei ao certo. Trinta e tal, talvez, mas não tenho tempo para os contar, nem interesse. Se o fizesse, o número estaria sempre a desatualizar-se – que é o que acontece quando publico um livro novo. Mas, em pequeno, contava tudo: os livros que lia, os cromos que colecionava, o número de piscinas seguidas que era capaz de fazer quando nadava... Mas agora, como já tenho muitos anos e fiz muitas coisas na vida, já não consigo (nem quero) passar a vida a contar essas coisas.



### Porque é que os livros são importantes e como nos possibilitam viajar?

Por muitas razões. Só vou dizer algumas. Eu, quando tinha para aí nove anos, nunca tinha saído de Portugal. Mas lembro-me bem dos livros que já tinha lido. A ação de alguns deles passava-se nos Estados Unidos, no século XIX, ou na Inglaterra, já na primeira metade do século XX. Tinha lido um cuja história decorria no Alasca, outro nos Andes, outro na Nova Zelândia, outro na Andaluzia (sul de Espanha), outro numa aldeia da Hungria, outro na Roma antiga, outros na Alemanha. Em suma, eu nunca tinha saído de Portugal e já tinha viajado tanto graças aos livros! Tinha conhecido outros povos, outras terras, outras maneiras de viver. Era como se tivesse dado a volta ao mundo, sem sair de casa. A leitura ensinou-me que era possível viajar com os livros, de muitas maneiras, já para não falar de tudo aquilo que imaginamos quando lemos um livro.

Além disso, como temos sempre uma personagem favorita, quando estamos a ler um livro pensamos pela cabeça dela, sentimos com o coração dela e, por isso, não estamos a pensar sempre em nós mesmos, que é uma coisa muito má. Aprendemos a estar mais atentos aos outros, às suas alegrias e tristezas. E, assim, nunca estamos sós – uma das grandes vantagens de ler.

Além disso, a leitura faz-nos aprender a amar as palavras. E incita-nos a fazer coisas com elas, a escrever, a compor histórias, poemas, canções. Quem lê muito, em geral fala, escreve e sente melhor. ■